

Acordo de apenas um ano com os bancos é alternativa de Bracher

por Jurema Baesse
de Brasília

O presidente do Banco Central (BC), Fernão Bracher, afirmou ontem que o Brasil poderá assinar um acordo de curto prazo com os bancos credores, para vigorar apenas um ano. Este acordo será uma alternativa à possibilidade de o País não conseguir fechar um acordo plurianual para a dívida externa que vence de 1985 a 1991. Bracher divulgou essa informação ontem, na abertura do III En-

contro dos Economistas do Banco Central.

Bracher afirmou que o País "não tem preconceito algum" quanto à assinatura de um "documento provisório" relativo ao entendimento anual com os credores. No entanto, assinou que o Brasil reiniciará a discussão com os credores, nas mesmas bases do acordo plurianual proposto pelo governo passado, com a expectativa de que ele possa ser concluído até o primeiro semestre de 1986.

O presidente do Banco

Central salientou, na sua rápida conferência, que o Brasil também trabalha com a possibilidade de fechar um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), e depois, com os bancos privados. Com relação ao entendimento com o FMI, Bracher indagou à platéia: "Vamos acertar ou não com o FMI?", ao que ele mesmo respondeu: "Não vejo por que não acertarmos com o FMI. Não é blague. Iremos com os nossos melhores números.

O entendimento com o FMI é um problema imediato que tem de ser enfrentado com realismo".

Bracher, entretanto, assinalou que "não se pode e x c l u i r o n ã o entendimento, mas é pouco provável que ele aconteça, pois trabalhamos com a hipótese de obtê-lo". Segundo o presidente do Banco Central, o Brasil deve alcançar, tanto com os bancos quanto com o Fundo, um "entendimento harmônico".

Ele destacou, ainda na conferência feita de improviso, que "estamos consciente de que há um interesse comum entre o Brasil e os bancos na busca de um acordo." O País está inserido no sistema financeiro internacional, e, assim, "devemos tirar melhor proveito deste sistema, uma vez que existe abundância rela-

tiva de recursos no mercado internacional".

Apesar do esforço que o País está fazendo para acertar com a comunidade financeira internacional, Bracher reiterou que "é fundamental" que o Brasil, agora, procure resolver os problemas internos de sua economia, especialmente a inflação. Na sua avaliação, o País já fez imensos sacrifícios para suportar o ajustamento externo. Segundo ele, "houve distorções e constrangimentos no plano interno" como resultado de medidas adotadas no setor externo, especialmente, a maxidesvalorização do cruzeiro de 1983 — que trouxe conseqüências sobre o processo de recrudescimento da inflação.

Após a abertura do encontro, Bracher falou aos jornalistas e negou que o Brasil esteja pleiteando US\$ 3,5 bilhões junto aos bancos privados para o próximo ano. "Não sei de onde foi tirada esta idéia. Desconheço esta informação."

Com relação ao "front" interno, salientou que "existe muita gente surpresa" com o fato de o País estar apresentando crescimento neste ano, sem aumentar as importações. "Mas o crescimento está verificando-se, além do controle da inflação, e a economia caminhando bem."